

O Papel da Instituição Escolar no Fracasso de Crianças de Classes Populares

*Vera Lúcia Chacon Valença**

A origem social das crianças desempenha um papel importante no seu futuro escolar, o que podemos observar desde as primeiras etapas da escolaridade primária. No processo adaptativo podemos considerar dois pólos: a criança e o meio. Priorizando a concepção dinâmica do desenvolvimento infantil ressaltamos o papel ativo da criança que é, em última análise o de agente de sua adaptação. O outro pólo, o meio, oferece suportes como faz exigências à criança. Nos referimos agora a este exemplo, nos detendo no meio escolar que nos induz a situar as contribuições e suportes, além das exigências do meio familiar. Priorizaremos, no tocante ao meio, àquele considerado "handicapé" ou seja: situaremos as inaptações num nível social.

AS RELAÇÕES PRECOSES E OS SUPORTES NO MEIO NOS PERÍODOS PRÉ-ESCOLAR:

Os efeitos das relações precoces entre a mãe e a criança foram por demais explorados particularmente por Spitz. Pesquisas realizadas nesta área confirmam que problemas podem surgir desenvolvimento da inteligência e da personalidade como um todo, que são consequência da qualidade desta relação. A presença dos pais, e, sobretudo, a segurança da qualidade destas relações são fundamentais na medida em que se estabelecem através disto as bases da organização psíquica da criança.

* Professora Visitante do Centro de Ciências da Educação da UFSC.

A criança estabelece, assim, pontos de referência a partir destas primeiras relações, criança-outro, que serão transferidos para outras situações, inclusive as escolares. Deste modo, o tipo de relação pais-filhos pesará na adaptação escolar, sendo uma das variáveis que determina o desenvolvimento da criança. Desde logo podemos deduzir que as crianças se engajam na Escola em condições diferentes em função não só de suas características pessoais decorrentes do equipamento congênito como também do meio ao qual pertencem.

Lembrando a importância da "atmosfera lingüística" Diatkine diz que é através desta que a criança sente o interesse de sua mãe por ela. Acrescenta que desde o 2º ano a criança utiliza a linguagem para exprimir seus desejos, seus afetos. Sua linguagem "se desenvolve tanto mais rápido quanto mais o adulto preste atenção a esta manifestação de autonomia e oposição". Através da "ilusão antecipatória" os pais dão um sentido às manifestações vocais da criança que não têm ainda sentido, ou falam com ela como se pudesse compreender. Concretizam-se, assim, experiências afetivas de uma importância fundamental: não só no que diz respeito ao desenvolvimento de sua linguagem, mas também naquele de sua personalidade. Então, em decorrência desta afirmação é necessário conhecermos a utilização da linguagem que fazem os adultos no meio familiar, para compreendermos as possibilidades de adaptação escolar, por exemplo. Neste contexto precisamos ressaltar os seguintes aspectos de acordo com Diatkine:

- 1 — nas famílias onde a linguagem se reduz às ordens é utilizada para fins desagradáveis, a comunicação entre os pais é mínima, da mesma forma que também é pobre entre eles e a criança, o desenvolvimento da linguagem da criança é afetado. A criança neste caso não encontra prazer para usar a linguagem e permanece no tipo de linguagem de ação;
- 2 — nas famílias onde a linguagem é utilizada para fins agradáveis, a criança desenvolve cedo a linguagem de relato, e torna-se capaz de fazer abstrações e elaborações igualmente cedo.

Bresson faz uma distinção entre a linguagem de Ação e a do Relato. O primeiro tipo se caracteriza pelo fato de se referir a uma

situação e a um interlocutor presentes, e o Relato constitui uma forma de discurso que não se refere à situação onde se encontra o locutor que conta o relato.

É preciso lembrar que nos meios populares é sobretudo a linguagem da Ação que predomina; enquanto na Escola há o uso dominante do Relato. Escrever implica necessariamente em se desligar do discurso da situação logo da linguagem da Ação e constitui uma memória independente do tempo — logo, que a criança seja hábil no manuseio da linguagem do Relato e que tenha adquirido as operações necessárias à constituição deste discurso.

Portanto algumas crianças utilizam a linguagem como instrumento de que dispõem facilmente e é legítimo esperar delas que a desenvolvam; que encontrem facilidades no domínio da linguagem escrita e prazer para ler. Para que isto ocorra é fundamental que os pais não sejam muito perturbados mentalmente, que não vivam em condições materiais muito tensas (que tenham, inclusive, tempo para estar com os filhos para seu prazer) e que não sejam muito privados, eles mesmos sob o plano cultural (Diatkine).

A conseqüência das influências deste meio é a de que a criança pode participar com interesse crescente nas atividades que lhe são propostas pela Escola e aprende a ler rápido. Diatkine conclui — “é uma estrutura global e irreversível que vem a se instalar, atividade de grande poder de generalização”.

Porém há crianças cujas condições de desenvolvimento não foram favoráveis. Este tipo de criança permanece ligado ao momento presente, manifestando um tipo de linguagem da Ação e não é possível observar nelas um discurso interior. Em conseqüência, a presença da professora poderia funcionar como ameaça de um fracasso e de frustração. O que, em última instância reforçaria a sua marginalização.

Comentando as posições de Diatkine, Lebovici salienta que é no período pré-escolar que se organiza, de uma maneira mais estável, a injustiça dita cultural e que a educação pré-escolar seria suscetível de corrigir ou de minimizar.

Quando nos referimos à insuficiência da estimulação no período escolar é preciso salientar que no engajamento das crian-

ças à escola são favorecidas aquelas cuja linguagem constitui um instrumento de que dispõem com facilidade e que vivem no meio familiar adaptado à cultura que é reproduzida na Escola.

Através de inúmeros trabalhos ressalta-se, portanto, a importância daquilo que Brossard denomina de Efeitos de Limitação na integração escolar e nas aprendizagens precoces que afetam particularmente crianças de meios populares. Por Efeitos de Limitação entende-se os efeitos produzidos por condições sociais de existência sobre o desenvolvimento psicológico da criança.

Além disto é preciso considerar que qualquer que seja o nosso desejo de preservar sua originalidade e sua diversidade cultural ou seja, sua cultura própria e sua liberdade, é necessário igualmente pensar nos riscos que elas podem correr não se adaptando ao meio social no qual terão que evoluir. Não estamos em nenhuma ocasião falando de uma adaptação como se fosse sinônimo de passividade, submissão ou "modelação", apenas decorrente de fatores externos.

Resta saber em que medida a Escola atual está interessada ou em condições de desempenhar bem seu papel no sentido de oferecer às crianças aquilo que precisam e favorecer o seu desenvolvimento. De pesquisas realizadas em diferentes países podemos constatar que a Escola tem funcionado de modo inadequado no que diz respeito às insuficiências de numerosas crianças, particularmente daquelas que têm dificuldade de integrar a experiência do meio dominante, ou seja, daquelas que têm uma cultura diferente da dominante. E vemos, assim, a possibilidade de a Escola perpetuar as desigualdades e consolidar as injustiças sociais.

Eric Plaisance se referindo às desvantagens (Handicap) sócio-culturais das famílias lembra a tendência da "visão, em negativo" que podemos ter das famílias desfavorecidas. O perigo é que, a partir daí, podemos inocentar a Escola, como se esta também não pudesse estar sendo interrogada quanto aos seus objetivos e funcionamento. É evidente que também precisaríamos refletir a respeito da função de diferentes especialistas com relação a este tema.

Utilizando a expressão de "reserva de talentos" lembra Plaisance os riscos de a Escola se sentir responsável pela "ali-

mentação" apenas de uma elite — quando procuramos esgotar em todas as categorias sociais "os mais capazes".

Além disto não podemos esquecer que as idéias generosas sobre a injustiça cultural tendem a apagar a noção mesma de handicap.

Reconhecemos a psicanálise como impulsora da valorização dos fatores psicossociais na determinação das dificuldades de adaptação. E nos parece evidente que tanto a ação social quanto a ação especializada precisa igualizar as chances das crianças e garantir-lhes as mesmas oportunidades. Acreditamos ser necessário extrapolar o nível da acusação superficial da Escola ou mesmo da Equipe Psicopedagógica, bem como da Família, ou do aluno. Não nos interessa atribuir a culpa a quem quer que seja. Nossa perspectiva de trabalho consiste em objetivamente detectarmos os determinantes das dificuldades para, na medida do possível, colaborarmos para uma ação mais adequada: tanto do ponto de vista preventivo, quanto terapêutico. E isto naturalmente decorre da nossa função profissional que nos conduz a não permanecermos estáticos diante de um diagnóstico individual ou de grupo, isto é, da situação escolar.

Refletiremos agora sobre alguns itens que poderiam ser resumidos em três questões: na Escola a quem, no nome de quem e do que falamos?

O PAPEL DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE E NA FORMAÇÃO CULTURAL DA CRIANÇA

Durante os primeiros anos de escolaridade observamos que um percentual muito grande de crianças saídas de meios populares é encaminhado para os Serviços de Psicologia, o que faz com que não nos restrinjamos só a uma abordagem do conflito entre normal e patológico. É preciso considerar, portanto, também as inaptações sociais.

Constatamos, de maneira clara, enormes diferenças de oportunidade escolar entre as crianças dos diversos níveis sociais e sempre em detrimento daquelas do meio popular. Esta diferença é expressa não só do ponto de vista quantitativo, mas também qualitativo. Assim não só inexistente a pré-escola para a maioria

destas crianças, como há uma defasagem de cerca de 2 anos de idade real e de desenvolvimento entre as crianças privilegiadas e desprivilegiadas por ocasião do período de alfabetização. O tempo de fragmentação difere também, pois, em algumas escolas existem os três turnos de atividades reduzindo o período de permanência escolar. É marcante, contudo uma diferença de oportunidades expressa, às vezes, em 3-4 anos de experiência pedagógica pró crianças oriundas dos meios favorecidos. Para estas a qualidade do ensino é superior: tanto no que diz respeito aos recursos utilizados quanto ao número de alunos por classe; qualificação dos professores, etc. E, a escola usa a sua linguagem que coincide com aquela usada no seu meio de origem. Além disto, as técnicas psicopedagógicas utilizadas estão, também, saturadas de aspectos culturais dominantes.

Não é difícil observar uma progressão mais rápida naquelas crianças de classe privilegiada. Chiland constatou que há uma relação estreita entre o desenvolvimento intelectual e as condições sócio-econômicas. E na Escola, observou, o nível intelectual das crianças de meio favorecido progrediu mais do que o daquelas de meio desprivilegiado.

Michel Brossard comenta, por sua vez, que "a criança saída do meio popular não é uma criança de burguês menos tal percentagem de adjetivos ou com um estado intermediário de retardo. É uma criança que se desenvolve em condições sociais particulares". E lembra, este autor que, não tomar conhecimento destas diferenças significa recusar o direito à cultura e à experiência original da classe trabalhadora.

Na experiência cotidiana é possível detectar, através de provas de performances, bem como nas desigualdades escolares os efeitos de limitação decorrentes do meio familiar, cultural. Porém não podemos esquecer que esta limitação tem como parâmetro as desigualdades de performances ou verbais, decorrentes de dispositivos de avaliação do psicólogo, limitados também por aspectos culturais.

Ressaltamos que as dificuldades podem ter prioritariamente um determinante, quer seja relacionado ao equipamento congênito da criança; quer nos suportes ou exigências do meio. Nada impede que estes determinantes possam aparecer articulados entre si.

Devido à ambigüidade do termo cultura e à complexidade do assunto diante do qual reconhecemos nossos limites, nos referimos aqui à concepção da cultura de Samir Amin. Cultura é "o modo de organização e de utilização dos valores de uso".

Hoggar se pergunta, então, se existe uma ou várias culturas. Embora admitindo inicialmente uma só cultura do ponto de vista clássico, em que cultura é percebida como sinônimo de literatura, pintura, música ou, segundo Arnold como "o melhor do que foi pensado e dito" mais considerada como uma espécie de disciplina de espírito e da imaginação — conclui constatando a diversidade cultural. E acrescenta: "as crianças de classes populares não são vazias, esperando ser iniciadas na cultura burguesa".

Chombart lembra que se a cultura é ligada à vida e à ação, "é no grupo, no meio, em uma sociedade que a criança e o homem se cultivam", "para se construir pessoalmente de um modo original e adquirir uma liberdade cada vez maior".

Caberia, portanto, à Escola a função de mediadora desta construção, enquanto Instituição Social. O problema, porém, está numa valorização diferente das diversidades culturais consolidando, às vezes, um sentimento de superioridade social com relação à cultura das crianças de classes privilegiadas.

Na Escola, como na Família, são oferecidos "modelos" às crianças, que vão gradativamente introjetando e assim se transformando em "crianças modelo" de acordo com Perron. A Escola reforça alguns destes modelos familiares.

Referindo-se à participação da Escola na formação cultural da criança, Suzanne Molle ressalta que a Escola teria como função não só fornecer informações que facilitariam a vida da sociedade, mas também assegurar a formação do indivíduo, criar nele um desejo de cultura que pode levar as crianças à superação do próprio professor, no tocante aos progressos culturais. Assim, podemos concluir que a Escola ocupa um papel de destaque no estudo das necessidades culturais de uma população.

Por outro lado, existe uma articulação entre modelos e necessidades culturais. Cada professor se refere a um modelo do escolar que corresponde a um sonho adulto, que se reúne à criança ideal que M.Y. Chombart pode detectar nos manuais de leitura e na imprensa de modo geral. Introjetados, esses valores são assu-

midos pela criança como se fossem dela e vão determinar seus comportamentos. Ocorrem naturalmente algumas defasagens entre os modelos e as condições reais da criança.

Vamos, portanto, que tanto a transmissão do saber, quanto a dos valores são variáveis utilizadas na escola, influenciam a criança, no que diz respeito tanto a aspectos da personalidade, quanto à formação cultural do aluno.

No processo de adaptação não só a criança precisa se adaptar à Escola, mas esta também precisa se reorganizar e se adaptar aos alunos.

O PAPEL DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR NO FRACASSO DE CRIANÇAS DE CLASSES POPULARES

Existe o hábito de se atribuir à insuficiência intelectual responsabilidades decorrentes de um sistema escolar que não criticou, suficientemente, os hábitos herdados dos séculos precedentes que consideram as crianças despreparadas para as "letras" como "deficientes". Nos perguntamos então até onde estaríamos levando em consideração a identidade cultural destas crianças e em que sentido? Até onde permitimos que utilizem os valores de uso do seu meio de origem?

Se o sucesso escolar está ligado à estimulações e suportes que a criança pode receber da família, em que a Escola poderia contribuir para agravá-lo? Exatamente na seletividade de seu conteúdo programático; na transmissão seletiva, no uso abusivo dos resultados dos testes de QI; dos testes de aptidão, etc.

Dentro desta perspectiva Daudelot e Establet demonstraram que sendo divididas em duas fileiras, as crianças francesas recebem informações diferentes — o que reforçaria as desigualdades das condições sociais, econômicas e políticas. Parece ser assim que nós profissionais, educadores das mais diversas especialidades cometemos uma violência, um maltrato na Escola contra sobretudo a criança de classe popular.

Observamos que as crianças chegam à Escola com as mais diferenciadas experiências anteriores. Algumas utilizam um nível de linguagem mais elaborado. Estas foram ajudadas pela qualidade e multiplicidade de suas experiências familiares. Na Escola

encontram-se à vontade para se comunicar com os professores. Diatkine lembra que não somente esta criança encontra um certo prazer — não isento de certa angústia — como seu Ego tende a introjetar as sugestões da professora e a utilizar os instrumentos que ela propõe. Podemos constatar surpreendentes resultados no desenvolvimento da criatividade destes alunos. Portanto, usando em casa a linguagem para fins agradáveis, a criança a utiliza para fins comunicativos e lembra, com precisão, as relações espaciais ou causais fora da situação presente. Porém, há outros alunos que não estão familiarizados com o uso da linguagem mais elaborada. Estes encontrarão mais dificuldade de adaptação. Observamos um isolamento deste aluno na Escola. Não só a linguagem da família é usada para fins utilitários e para dar ordens, como a criança passa a representar todo o mundo hostil do qual se sente excluída. Há, sobretudo o risco de a linguagem ser situada num plano desagradável, diante do que, a criança não se sente estimulada a usá-la para seu prazer.

Esta dificuldade pode ser agravada se o professor não se interessar por ela, ou pela falta de tempo em lhe dar atenção — tendo que se dividir entre 20-30 alunos. Ou ainda se ela age com excessiva solicitude, não permitindo à criança a possibilidade de exercitar sua autonomia. Os sintomas de inibição, mutismo, descargas motoras e agitação — que correspondem a sinais de ansiedade podem ser observados nestes alunos.

Assim, verificamos que as carências sócio-culturais do período pré-escolar tendem a ser reforçadas na Escola, uma vez que esta assimila com mais facilidade os alunos melhor preparados pela riqueza de suas experiências.

Luçart se referindo ao papel da Escola Maternal no Fracasso da criança e de classes populares lembra dois tipos de problemas:

1º) a escolarização — conjunto de efeitos de origem interna na escola, e a desescolarização — rejeição da criança, pelo que é da Escola;

2º) a valorização ou seu contrário, a desvalorização — ou seja, tudo o que impede uma pessoa de tomar consciência de suas qualidades e tende a lhe dar uma má opinião sobre ela mesma.

É preciso lembrar que estes processos não dizem respeito só às crianças de classes populares, mas são elas, principalmente que são as mais atingidas. Também elas sofrem as conseqüências daqueles que querem opor: natural X cultural, como salienta Chombart. Quanto a aprendizagens precoces, os seus efeitos são desastrosos, aguçando a angústia dos alunos e os fracassos escolares.

Ainda podemos nos referir à transmissão seletiva — que é uma das expressões da desvalorização das crianças de meios populares, transformando-se em alunos especiais. Neste contexto os tratamentos dispensados variam de uma benevolência assistencial, filantrópica, para um reforço do sentimento de inferioridade. Outro risco seria, para Luçart, aquele da "ideologia da precocidade" que tende a reduzir todas as diferenças a uma diferença quantitativa única. Ora, sabemos que o essencial das diferenças entre indivíduos não é quantificável. Sugere Luçart que no lugar de concretizar noções, parta-se efetivamente, da prática da criança para chegar à teoria — como atitude que minimizaria estas violências cometidas contra as crianças de classes populares.

Em pesquisa longitudinal realizada com as crianças de 6 anos, Chiland constatou que o sucesso/fracasso é fortemente determinado pela orientação sócio-cultural da família. E que a Escola tende a perpetuar aquilo que se constata nas classes iniciais, isto é, favorecer os bens dotados.

Encontramos, também, o reflexo da inadequação escolar num grande hiato entre as turmas do pré à alfabetização, bem como a falta de continuidade dos conteúdos programáticos de uma turma para outra. Isto agrava, mais uma vez, a situação das crianças de classe desprivilegiada na medida em que, na realização dos seus deveres de casa, não terão suporte pedagógico. Talvez seja este um dos motivos que leva alguns educadores a sugerir a supressão dos deveres de casa, como medida de democratização do ensino.

Os efeitos negativos de uma pedagogia deste tipo não determinam apenas as modalidades segundo as quais se perpetuam as desigualdades sócio-culturais. Do ponto de vista psicológico a valorização dos processos de pensar, a capacidade de produzir

fantasmas, imprimem um papel fundamental nos modos de conservação da Saúde Mental (Lebovici). E aquelas crianças para quem estas atividades são impedidas — seja por inibição, ausência de estimulação, tendem a não saber elaborar seus desejos e planificar suas ações.

É ainda Lebovici quem lembra: "o objeto da pedagogia não consiste só em formar o homem de letras, mas em provocar esse processo de introjeção no maior número possível de crianças; em despertar sua curiosidade, em lhes permitir experimentar a expansão narcísica, dada por um melhor manejo das linguagens nos seus diferentes meios".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. BRESSON, F. "Langage oral, langage écrit", *La dyslexie en question. Difficultés et échecs d'apprentissage de la langue écrite*. Paris, C.R.E.S.A.S. Armand Colin, 1972.
02. BROSSARD, M. "Handicap linguistique ou difficultés spécifiques dans l'appropriation de la langue maternelle". In *Le handicap socio-culturel en question*. Paris, C.R.E.S.A.S. 1978.
03. CHILAND, C. *L'enfant de six ans et son avenir*. Paris, P.U.F. 1973.
04. CHOMBART de Lauwe, P.H. *Images de la culture*. Paris, Payot, 1970.
05. LEBOVICI, S. "La prévention de la santé mentale chez l'enfant" In *Psychiatrie de l'enfant*. Paris, P.U.F., 1959, 2, 1., 117-225.
06. LEBOVICI, S. et SOULÉ, M. *La connaissance de l'enfant par la psychanalyse*. Paris, P.U.F., 1970.
07. LUÇART, L. "La rôle de l'école maternelle dans l'échec des enfants des classes populaires". In *Le handicap socio-cultural en question*, C.R.E.S.A.S. 1978.
08. MOLLE, S. *L'école dans la société*, Dunod, Paris, 1969.
09. PERRON, R. *Modèles d'enfants, enfants modèles*, Paris, P.U.F. 1971.